

# Construções sintáticas com a posição à periferia esquerda do verbo preenchida: uma proposta a partir da fatoração de EPP

Syntactical constructions with the filled position on the left edge of the verb: a proposal from the EPP-factoring

Construcciones sintácticas con una posición en la parte posterior esquemática del verbo preenfocado: una propuesta de la factorización de EPP

Christiane Miranda Buthers  
Universidade Federal de Minas Gerais  
Maria José de Oliveira  
Universidade Federal de Minas Gerais

## Resumo

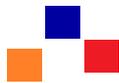
Neste trabalho, analisamos sintaticamente construções do Português Brasileiro Contemporâneo (doravante PB) com a posição à esquerda do verbo preenchida lexicalmente por sujeitos, tópicos ou tópicos-sujeito. Segundo variados estudos, o PB tem deixado de autorizar sujeitos nulos, diferentemente do Português Europeu (PE). Seguindo pressupostos da teoria gerativa (CHOMSKY, 1995, 2005), a partir da investigação descritiva e qualitativa de dados de oralidade, propomos a fatoração do traço ininterpretável EPP, responsável pela ocupação lexical do sujeito – Spec-TP –, em quatro traços: [uP], [uD], [uFoc] e [uTop]. Com EPP subdividido, damos conta de explicar a emergência e variação de XPs “juntados” à posição de sujeito no PB.

**Palavras-chave:** Sujeito preenchido, fatoração de EPP, língua de sujeito nulo parcial.

## Abstract

In this paper, we analyse syntactically sentences of Contemporary Brazilian Portuguese (BP) with the position on the left of the verb lexically filled by subjects, topics and subject-topics. According to several studies, the BP has failed to authorize null-subjects, unlike the European Portuguese (EP). Following assumptions of generative theory (CHOMSKY, 1995, 2005), from the qualitative and descriptive research data of orality, we propose the factoring of the uninterpretable feature-EPP, which is responsible for lexical occupation of the subject – Spec-TP –, in four features: [uP], [uD], [uFoc] and [uTop]. With the subdivided EPP, we can explain the appearance and variation of XPs “merged” to the subject position in BP.

**Keywords:** Filled subject, factoring EPP, partial null-subject language.



## Resumen

En este trabajo, analizamos sintácticamente construcciones del portugués brasileño contemporáneo (en adelante PB) con la posición a la izquierda del verbo rellena léxicamente por sujetos, tópicos o tópicos-sujeto. Según varios estudios, el PB ha dejado de autorizar sujetos nulos, a diferencia del portugués europeo (PE). En el marco de la investigación descriptiva y cualitativa de datos de oralidad, proponemos la factorización del trazado ininterpretable EPP, responsable de la ocupación léxica del sujeto - Spec-TP -, en cuatro rasgos: [...] uP], [uD], [uFoc] y [uTop]. Con EPP subdividido, damos cuenta de explicar la emergencia y variación de XPs “unidos” a la posición de sujeto en el PB.

**Palabras clave:** Sujeto relleno, factorización de EPP, lengua de sujeto nulo parcial.

## Introdução

O Português Brasileiro (doravante PB) – a partir das últimas décadas do século passado – tem apresentado um comportamento inusitado no que concerne a um fenômeno tratado pela teoria gerativa, em sua versão de Princípios e Parâmetros (P&P), como parâmetro *pro-drop* (CHOMSKY, 1981; RIZZI, 1997). Segundo o modelo gerativista de Princípios e Parâmetros, os princípios são invariantes, uma vez que todas as línguas devem sempre tê-los como referência, e os parâmetros são escolhas, isto é, têm valores (positivos ou negativos) fixados no decorrer do processo de aquisição de uma determinada língua pela criança. Isso quer dizer que são os parâmetros que possibilitam as variações decorrentes de língua para língua.

De acordo com tal teoria, o parâmetro *pro-drop*, ou parâmetro do sujeito nulo, refere-se a uma escolha feita pelas línguas quanto ao preenchimento lexical ou não da posição de sujeito – mais especificamente, Spec-TP. Em outras palavras, significa dizer que determinada língua pode optar por deixar vazia a posição de sujeito (línguas *pro-drop*) e outra língua pode optar por preencher pronominalmente esta posição (línguas não *pro-drop*). O PB, assim como o Português Europeu (PE, daqui em diante), sempre foram consideradas línguas de sujeito nulo, autorizando que a posição de Spec-TP pudesse aparecer lexicalmente vazia.

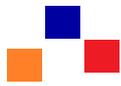
No entanto, como dito acima, pelo menos desde a década de 60 do século passado (é o que mostram os estudos), o PB tem apresentado um aumento gradativo da ordem [X(P) V (DP)], ou seja, tem estado propenso a preencher a posição de Spec-TP. A emergência de tal ordem traz à tona o questionamento de o PB contemporâneo estar se distanciando do PE com relação ao parâmetro do sujeito nulo, passando a caminhar no sentido de se tornar uma língua de sujeito obrigatório. Como exemplo dessa tendência, vejamos os dados a seguir:

(1a) \_\_ Estou com fome. (PE)

(1b) *Eu* estou com fome. (PB)

(2a) \_\_ Tá chovendo pra caramba. (PE)

(2b) *O tempo* tá chovendo pra caramba. (PB)



- (3a) Quando \_\_\_ facilitamos o troco com dinheiro trocado, não \_\_\_ ficamos parados. (PE)
- (3b) Quando *a gente* facilita o troco com dinheiro trocado, *a gente* não fica parado. (PB)
- (3c) \* Quando *a gente* facilita o troco com dinheiro trocado, \_\_\_ não fica parado. (PB)

Conforme é possível observar nos dados, o PB contemporâneo preenche posições de sujeito que, em PE, têm que ser obrigatoriamente nulas. Destacamos os dados em 3. Em (3a), temos uma construção típica do PE, num contexto de subordinada, com sujeitos nulos tanto na oração principal quanto na oração encaixada. Em (3b), no PB, as duas posições de sujeito nas orações estão lexicalmente preenchidas. Já em (3c), também no PB, a frase se torna agramatical quando o sujeito da encaixada não aparece realizado foneticamente.

O aparecimento de X(P)s à esquerda do verbo suscitou o interesse de muitos linguistas, que ainda têm se dedicado veementemente a estudar o fenômeno, com a intenção de descobrir se os fatos linguísticos observados tratam-se realmente de uma possível mudança paramétrica em progresso e, caso seja, qual seria o fator motivador de tal mudança. Muitas propostas foram e ainda têm sido desenhadas como forma de tratar o fenômeno: algumas seguindo a linha gerativista, em caráter qualitativo; outras, ancoradas nos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança, valendo-se de metodologia quantitativa. Galves (1993), Lamoglia Duarte (1993, 2003), Kato (1999), Nicolau (1993), Figueiredo Silva (1996), Modesto (2004), Rodrigues (2004), Buthers (2009) são alguns dos linguistas que já lidaram e/ou ainda estão trabalhando com o tema da possível perda do sujeito nulo no PB atual.

Buthers (2009), por exemplo, um dos estudos mais atuais sobre o assunto, iniciou sua investigação acerca do comportamento do PB contemporâneo com relação ao preenchimento ou não da posição de sujeito, principalmente em construções impessoais, numa perspectiva gerativista. Nesse trabalho, a autora analisou quais são os contextos que têm contribuído para o preenchimento de Spec-TP e quais são os elementos mais suscetíveis a tal ocupação. Chegou à conclusão de que o PB contemporâneo é uma língua de sujeito nulo parcial, pois apresenta contextos de preenchimento obrigatório e contextos de preenchimento facultativo.

Não obstante, além dos contextos apresentados por Buthers (2009), existem outros, não arrolados nesse trabalho, e que merecem ainda investigação. Acreditamos que, não por coincidência, o PB contemporâneo tem apresentado muitas construções cujo X(P) à esquerda do verbo tem sido interpretado como tópico/foco ou como tópico-sujeito (cf. AVELAR; CYRINO, 2009; BERLINCK; DUARTE; OLIVEIRA, 2009; MUNHOZ; NAVES, 2012; PILATI; NAVES, 2014; PONTES, 1986, 1987 etc.). Por isso, com o intuito de continuar os estudos acerca do tema, apresentamos neste artigo, de maneira qualitativa, outros fenômenos relacionados à emergência da ordem [X(P) V (DP)]. Em suma, analisamos

morfossintaticamente construções com um X(P) à esquerda do verbo – sendo sujeito, tópico ou tópico-sujeito – como estratégia de valoração do traço EPP.

Antes de passar à análise dos dados, apresentamos, na seção seguinte, os pressupostos teóricos que seguimos para a proposta que delinearemos para explicar como XPs variados estão emergindo na periferia esquerda dos verbos.

## 1. Quadro Teórico

Nesta primeira subseção, apresentamos os pressupostos teóricos do Modelo de Derivação por Fases (cf. CHOMSKY, 2005), que embasam nossa análise. Na subseção 1.2, trazemos à baila a proposta de Holmberg (2000) acerca do fenômeno do fronteamto estilístico encontrado em línguas escandinavas. A intenção é retomar a justificativa teórica deste autor para explicar o fenômeno encontrado nestas línguas, que é a presença de um traço [ $\mu$ P] no núcleo T. Faremos uso de parte de suas ideias para interligar com outras perspectivas de análise correlatas. Na subseção 1.3, discorreremos sobre o trabalho de Miyagawa (2010), que estipula a presença de um nódulo funcional extra na estrutura arbórea ( $\alpha$ P), com traços gramaticais [ $\phi$ i], de [Foco] e/ou de [tópico] herdados de C, permitindo o preenchimento de posições argumentais à margem esquerda dos verbos em línguas orientadas para o discurso. A abordagem deste autor contribuirá com a linha de raciocínio que estamos seguindo para explicar o aparecimento de determinados XPs na posição de Spec-TP no PB contemporâneo.

### 1.1 Chomsky (2005) – A projeção C-TP

Este é o recorte da teoria que será mostrado e que dará base à análise do preenchimento da posição de Spec-TP.

A tese defendida por Chomsky (*op.cit.*) – conhecida como “Tese Minimalista Forte” – afirma que o que legitima a linguagem é a interface estabelecida entre os sistemas conceitual-intencional (CI) e o sensorio-motor (SM). Para Chomsky (*op.cit.*), a propriedade principal da linguagem é que “ela é um sistema de infinidade discreta, consistindo de objetos organizados hierarquicamente” (p.4). Dessa maneira, objetos sintáticos (SOs) são formados por meio de uma operação que junta outros objetos sintáticos já prontos. Essa operação é chamada de *Merge*. A operação *Merge* de X e Y permite a formação do objeto {X,Y}, com os dois elementos permanecendo invariáveis, segundo a NTC (Condição de Não-Mudança). Objetos sintáticos são formados por sucessivas aplicações de *Merge*.

Para um item entrar na computação sintática, é necessária alguma propriedade que permita essa operação. Essa propriedade é o que o autor chama de “traço de margem” (EF), o qual permite que um item seja juntado.

Objetos sintáticos são, então, formados da seguinte maneira: (i) itens lexicais são selecionados do léxico e, por meio de *Merge* (juntar), novos objetos sintáticos

são formados. Para a devida concretização da operação *Merge*, um item lexical deve possuir um traço de margem (como o EPP, por exemplo) na posição mais alta da sonda; e (ii) por meio da relação *AGREE* com o alvo, a sonda terá seus traços ininterpretáveis valorados e, consecutivamente, apagados. Esse processo deve se estabelecer antes de a estruturação sintática ser enviada aos níveis de interface.

### 1.1.1 A fase C-TP

C é um rótulo para a região denominada por Rizzi (1997) de “periferia esquerda”, que envolve, possivelmente, um espraiamento de traços de núcleos funcionais. O nível CP, segundo Miyagawa (2010), denota a estrutura da expressão completa.

Não parece simples, à primeira vista, visualizar o nível TP estabelecendo um limite de margem com C, já que, na superfície, parece ser T, não C, o lugar dos traços-*phi* que estão envolvidos no sistema de concordância Nominativa, e da origem do sujeito argumento externo, de objetos de passivas/acusativas ou até mesmo de locativos em Spec-TP.

Há, entretanto, razão para suspeitar de que traços-*phi* e de tempo de T são derivativos de C. Se C-T concordam com o DP alvo, o último pode permanecer *in situ* sob concordância à longa distância, com todos os traços ininterpretáveis valorados; ou o DP pode alçar até Spec-T, em cujo ponto está inativado, com todos os traços valorados, e não pode alçar adicionalmente para Spec-CP. Deriva-se, desta forma, então, a distinção A-A'. Há ampla evidência de que esta distinção exista, e ela é crucial na interface C-I, o que sugere o sentido usual de encontrar uma resposta para o porquê de o dispositivo existir: se a distinção é imposta pela interface C-I, então, a Tese Minimalista Forte será satisfeita por algum dispositivo para estabelecê-lo, e a herança de traços de C pelo item lexical selecionado por C (ou T) oferece um mecanismo simples. Quando traços-*phi* aparecem morfológicamente em T sem tempo (ou em participios etc.), estes traços poderiam então ser considerados como um efeito morfológico da concordância, sem significado na computação sintática. Nessas circunstâncias, o fato de TP não poder ser retirado da estrutura, ou, por outro lado, não aparecer sem C, isoladamente, traz evidência adicional para suspeitar de que TP apenas tenha características de fase quando é selecionado por C, isto é, quando os traços que dele fazem parte são herdados de C.

Segundo Miyagawa (2010), traços-*phi* e de tópico-foco são todos juntados no núcleo fásico C e, quando necessário, o núcleo T os herda. Em geral, T herda traços-*phi*. Porém, o fato de T herdar foco ou tópico proporcionaria uma distinção mais eminente entre as línguas – línguas em que T herda apenas traços-*phi* de C são línguas de concordância e línguas em que T herda, também, traços de tópico ou foco são orientadas para o discurso, no sentido de É. Kiss (1996).

### 1.1.2 O traço EPP

O traço de margem EPP – primeiramente tratado como um Princípio de Projeção Estendida (EPP), requerendo que toda oração tivesse um sujeito (cf. CHOMSKY, 1981) –, em análises recentes é considerado como uma propriedade misteriosa (CHOMSKY, 2005).

Para Chomsky (1995), EPP tem um traço D ininterpretável que necessita ser checado e, para que isso se processe, um DP, como o argumento externo do verbo, deve ser atraído para a posição de Spec-TP.

Alexiadou e Anagnostopoulou (1998) apresentam uma teoria que se conforma com a proposta de Chomsky (1995). Para as autoras, EPP é universal e corresponde a um traço D forte em I, requerendo morfologia rica de concordância em T ou o movimento de um DP para Spec-TP.

Holmberg (2000) argumenta que EPP também possui uma “parte fonológica”, denominada pelo autor de traço [P]. Essa propriedade fonológica de EPP é motivada, segundo Holmberg (*idem*), por muitos casos de línguas que só satisfazem ao EPP quando um elemento fonético é inserido na posição de Spec-TP.

Como visto, o tratamento mais usual do EPP é sintático. No entanto, seguindo outra vertente, É. Kiss (1996) argumenta que parte do EPP vem de fatores semânticos, uma vez que, segundo sua teoria, existe uma restrição sobre a estrutura argumental, a qual requer que o argumento marcado para sujeito seja aquele com maior proeminência temática.

Independentemente das propostas quanto ao estatuto gramatical de EPP, isto é, se ele deve ser considerado como um fenômeno semântico ou sintático, o fato é que todos os autores concordam quanto ao efeito deste traço de margem presente nos núcleos sintáticos. Ou seja, EPP é um traço de margem, ininterpretável, e sua formulação por Chomsky (1995, p.55) prevê que a posição de Spec-TP tem de ser preenchida lexicalmente.

As investigações apresentadas até o momento, incluindo EPP como responsável por algum fenômeno linguístico, nem sempre têm dado conta de avaliar todas as performances sintáticas relacionadas com este traço. Em suma, os problemas deixados para investigação futura quase sempre se conectam com uma questão primordial: Como um único traço pode ser capaz de suscitar inúmeros comportamentos sintáticos nas línguas em geral?

Na tentativa de responder a esta pergunta, senão minimamente com relação a um fenômeno específico da língua – o parâmetro do sujeito nulo – propomos uma análise baseada na fatoração dos traços que constituem o EPP. Essa proposta será delineada neste artigo, procurando explicar por que não apenas sujeitos prototípicos preenchem a posição de sujeito, mas também tópicos e tópicos-sujeito.

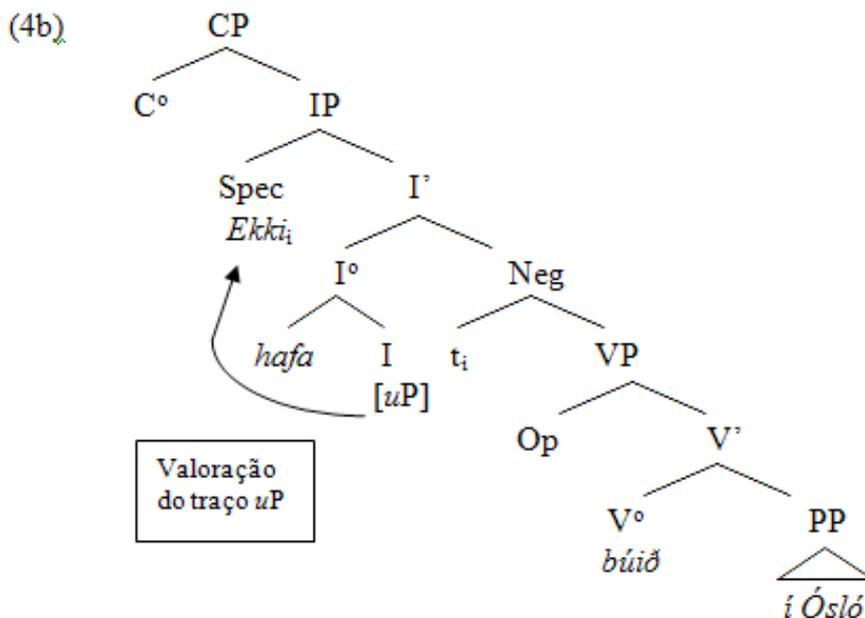
## 1.2 Holmberg (2000) e o *Stylistic fronting*

Holmberg (2000) analisa o fronteamento estilístico (SF) que ocorre em algumas línguas escandinavas. No escandinavo moderno, tal fronteamento é operante no islandês e no faroês. Em conformidade com Holmberg (*op.cit.*, p.445), o SF é “uma operação que move uma categoria [...] para o que parece ser a posição de sujeito quando esta posição está vazia [...]”. Para analisar este fenômeno, Holmberg (*op.cit.*) apresenta duas teses centrais, a saber: (i) a categoria XP movida por SF funciona como um puro expletivo em sua posição derivada, a qual é Spec-TP; (ii) o que é movido por SF é apenas a matriz de traço fonológico de uma categoria.

De acordo com Holmberg (*idem*), I finito contém traço [D], ininterpretável, ou seja, um traço que precisa ser checado e apagado. Esse traço é responsável por atrair uma categoria D-marcada para seu domínio de checagem (I ou Spec-IP) – essas categorias podem ser DPs, como sintagmas nominais definidos, pronomes e clíticos pronominais, e, em algumas línguas, o morfema de concordância do verbo. O traço [uD], em I, pode ser checado pelo movimento do verbo ou pelo movimento (= *Merge* Interno) de um sujeito temático para a posição de Spec-IP.

O autor ainda explica que I também hospeda um traço [P] (de *phonological*), ininterpretável, que deve ser checado por uma categoria visível fonologicamente, movida ou juntada (*merged*) em Spec-IP, como no exemplo do islandês, a seguir:

- (4a) *Deir sem ekki hafa búíð í Oslo seaja að...*  
 Those that not have lived in Oslo say that...  
 ‘Those that have not lived in Oslo say that...’



Conforme é possível observar na configuração acima, a partícula negativa *ekki* tem seus traços fonéticos atraídos para Spec-TP, já que ela é a categoria com matriz fonológica mais próxima de T. Na posição de Spec-TP, *ekki* checa os traços [uD] e [uP] de T°.

Interessante esta possibilidade de valoração do traço [uD] por meio de morfemas de concordância. Alexiadou e Anagnostopoulou (1998) argumentam que Agr forte, numa relação de concordância por meio do movimento do verbo, é capaz de checar EPP. Kato (1999) prevê que traços-*phi* podem entrar como categorias D, independentes, na derivação, valorando o traço [uD] de T. Análises como essas permitem excluir da teoria a categoria vazia *pro*, já que Agr forte pode desempenhar o papel de checagem de EPP em T.

Outra proposta que nos servirá também de base teórica é a apresentada por Miyagawa (2010). Esse é o assunto da próxima subseção.

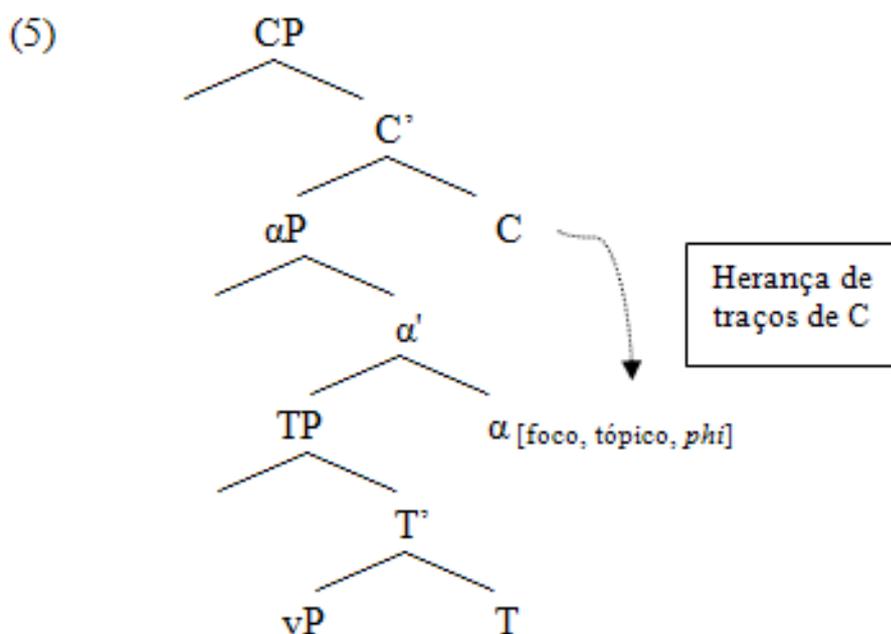
### 1.3 Miyagawa (2010) e a projeção sintática $\alpha P$

Miyagawa (2010) procura analisar contextos de topicalização e focalização nas línguas em geral, mas, em detalhe, aquelas línguas orientadas para o discurso, para responder a duas questões básicas relativas ao comportamento linguístico universal: por que existe concordância e por que existe movimento. A resposta sugerida por Miyagawa (*op.cit.*) é que concordância e movimento são o resultado de operações distintas, que surgem com a tarefa compartilhada de oferecer condições ótimas para a realização do poder de expressividade das línguas humanas.

Na próxima subseção, apresentamos um novo nível na projeção sintática, proposto por Miyagawa (*op.cit.*), que seria responsável por alocar os XPs que são movidos como exigência dos traços na sonda – traços-*phi* ou traços de tópico-foco.

#### 1.3.1 A projeção $\alpha P$

A projeção  $\alpha P$  é introduzida na estrutura sintática por Miyagawa (2010) na posição que intermedeia CP e TP. O núcleo desta projeção pode herdar traços gramaticais de C, tais como traços-*phi*, traços de foco e de tópico:



Para Miyagawa (*op.cit.*), a necessidade da inserção deste nível deve-se ao fato de que, em algumas línguas, dois elementos argumentais aparecem em posição anterior ao verbo. Este nível, então, seria uma alternativa para alocar tais argumentos, que não estão na posição de C, isto é, uma posição A-barras, na qual não há valoração de traços temáticos.

Diferentemente de alguns autores que justificariam a posição dos argumentos devido à valoração do traço de Caso (cf. KOIZUMI, 2003 apud NOMURA, 2005), Miyagawa (*op.cit.*) defende que os traços motivadores do movimento são, na verdade, tópico e foco, ambos herdados de C. Passemos agora aos dados para análise.

## 2. Análise dos dados

Nesta seção, apresentamos os dados selecionados para análise. As sentenças selecionadas com a ordem [XP V (DP)] serão demonstradas e discutidas com base na investigação de variados autores que já estudaram este fenômeno. Na subseção 2.1, explicaremos dados com a posição de Spec-TP sendo preenchida por elementos prototipicamente sujeitos, quase sempre, em forma pronominal. Esta subseção será dividida em outras subseções, segundo os X(P)s que ocorrem na posição de sujeito. Na subseção 2.2, apresentamos dados com a posição à esquerda do verbo preenchida por tópicos-sujeito, no sentido de Pontes (1987), e também por elementos que muitos autores consideram como o tópico da sentença.

### 2.1 Sujeitos

#### 2.1.1 Pronominais

Formas pronominais são previstas para ocuparem a posição de sujeito no PB. Entretanto, o PB atual tem mostrado alguns contextos nos quais pronominais não convencionais têm desempenhado este papel, principalmente em construções nas quais a posição à esquerda do verbo poderia aparecer foneticamente nula. Vejamos:

##### 2.1.1.1 Pronomes Fracos

Em Buthers (2009), o enfraquecimento da concordância no PB foi analisado como uma das causas por que essa língua deixa de licenciar sujeito nulo. Conforme Kato (1999), “o Português Brasileiro Moderno exibe uma produtiva duplicação de pronomes-sujeito, com pronomes fortes e fracos exibindo formas quase homófonas” (p. 13). O quadro abaixo, adaptado de Kato (*idem*), ilustra esse fenômeno:

<b>PESSOA</b>	<b>PRONOMES FORTES</b>	<b>PRONOMES FRACOS</b>
1ª singular	Eu	Ô [o]
2ª singular	Você	Cê [χɛ]; ocê [oχɛ]
3ª singular	Ele/Ela	Ê [ɛψ]; El [ɛλ]
1ª plural	A gente	A gen [α φɛv] <sup>6</sup>
2ª plural	Vocês	Cês [χɛZ]; Ocês [oχɛZ]
3ª plural	Eles/Elas	Eis [ɛψZ]; Êas [EAZ]

Quadro 1: Emergência de pronomes fracos em PB contemporâneo

Kato (*idem*) correlaciona esse fenômeno com a crescente perda de sujeitos nulos referenciais no PB. Na sequência, alguns dados de oralidade confirmam a proposta de mudança no sistema pronominal do PB, delineada por Kato (*idem*):

- (6) Ês tá morano tudo em Santa Gertrude memo... São Paulo (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)
- (7) Que ê<sub>i</sub> já evém de lá pra cá... que ê<sub>i</sub> evem pegano pontuação... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)
- (8) ...Êa<sub>i</sub> teje na igreja e tudo... que ela<sub>i</sub> vê ela<sub>i</sub> garra ne quarqué pessoa de mais idade que é vó... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)
- (9) e ê já evem pegano os ôtro ritmo que num teim nada a vê... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)
- (10) **Ocê** chegar nesse bandido e falar, você matou. (CORPUS DE FALA DE ITAÚNA)
- (11) Se **ocêis** me insiná... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)
- (12) Não... **cê** tem que aprendê é desse jeito... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)

O curioso nos dados acima é que as formas fracas no plural não engatilham necessariamente a concordância de pessoa no verbo. Isso fica particularmente instanciado nos exemplos (6) e (11) em que os pronomes Ês e *ocêis* não apresentam relação de concordância com o verbo. Uma maneira de captarmos essa discrepância é acompanharmos a proposta de Vitral e Ramos (2006), segundo a qual o aparecimento das formas fracas clíticas, muitas vezes redobrando os traços de pronomes fortes e de sujeitos não-pronominais na posição de tópico, seja decorrente da necessidade de compensação da falta de morfema verbal número-pessoal. Ou seja, o surgimento das formas fracas seria reflexo de uma etapa do ciclo de gramaticalização dos pronomes fracos, os quais passam de pronomes fracos plenos a formas pronominais clíticas. Em análise do par *Eles/ês*, Vitral e Ramos (2006) observa essa mesma característica da concordância do pronome fraco ês com o verbo. Os resultados de sua análise registram uma porcentagem de 65% dos dados com realização do pronome no plural e verbo no singular, conforme é possível observar na tabela abaixo:

	Nº	%	Prob.
Sujeito e verbo no plural	82	40	.56
Sujeito plural e verbo no singular	66	65	.74

Tabela 1: Porcentagem de pronomes não-fortes, conforme o número do verbo. (VITRAL;RAMOS, 2006, p.77)

Notem que a tabela tem por finalidade mostrar que o surgimento da forma fraca de 3ª pessoa do plural é consequência de um processo de gramaticalização pela qual passou a forma plena *eles*. A autora analisa o resultado da tabela acima como um reforço para assumir o estatuto afixal de ês. Segundo ela, “parece que o pronome não forte ‘compensa’ a desinência verbal. Em outras palavras, ele desempenharia a função de desinência.” Essa constatação de Vitral e Ramos (*op.cit.*) nos ajuda a reforçar a hipótese segundo a qual XPs, sejam eles adverbiais ou pronomes fracos clíticos, estão cada vez mais acionados na posição à esquerda do verbo como reflexo da perda da propriedade

de licenciar sujeitos nulos no PB contemporâneo. Assim sendo, o surgimento de formas fracas, em contextos nos quais o PB não-contemporâneo licenciaria sujeito nulo, pode ser visto como mais uma estratégia que o PB contemporâneo se utiliza para compensar a perda da propriedade de licenciar sujeito nulo e como uma nova estratégia de valoração do traço EPP da sentença.

Os dados (7), (8) e (9) mostram a realização da 3ª pessoa do singular fraca, cujos contextos se mostram com referência definida. Conforme é possível notar, o preenchimento da posição de Spec-TP é visível e significativo, inclusive em dados onde sua manifestação poderia ser nula, haja vista sua coocorrência com itens figurando na mesma sentença. Lamoglia Duarte (1993) afirma que a 3ª pessoa do singular aparecia preenchida sempre que não encontrava um antecedente ao qual se conectar para possibilitar sua identificação. Os dados apresentados acima, com a 3ª pessoa do singular fraca, ratificam os resultados da pesquisa dessa autora.

Outro fato verificado é que a concordância, nesses casos, é devidamente efetuada. Conforme visualizado, os dados (10), (11) e (12) representam a ocorrência do pronome *cê/ocê* à esquerda do verbo. Em relação a esses dados, conjectura-se que o aparecimento de *cê/ocê/ocês* que encontramos nos *corpora* se relaciona ao fato de esses itens serem pronome de 2ª pessoa cuja concordância se dá em 3ª pessoa. Este pronome, cuja classificação, conforme a tradição gramatical, é de pronome de tratamento, teve seu uso estendido, ao longo da história do PB, à função de pronome pessoal, substituindo a forma "tu". Dessa maneira, o pronome "cê" apresenta um caráter diferenciado em relação às outras pessoas gramaticais. Sua ocorrência nos dados deve ser interpretada como um recurso para diferir a pessoa do discurso a que a desinência número-pessoal se refere, evitando possíveis ambiguidades.

Já a versão deste pronome no plural (*ocês*), vide exemplo (11), com a forma verbal flexionada no singular, não efetuando a concordância com o sujeito da sentença, oferece evidências mais robustas para se assumir que sua presença seja devidamente justificada para tornar possível a valoração do traço EPP. Alguns autores têm interpretado a forma mais reduzida do pronome "você" (*cê*) como um clítico, devido a características comuns que ele estabelece com outros elementos dessa natureza. Vitral e Ramos (2006, p.38) analisam a forma *cê* e afirmam que a mesma "se encontra num processo de cliticização, que faz parte de um processo mais amplo de gramaticalização". Os mesmos autores analisam a frequência e distribuição das formas *você*, *ocê* e *cê*, hipotetizando que estas sejam itens distintos, manifestando etapas de um processo de gramaticalização. Utilizando-se de testes para verificar o estatuto do item *cê*, os autores concluem que esta forma é um clítico que ocupa a posição de especificador de T. Essa constatação da autora é bastante interessante, postulando que um clítico, que geralmente aparece em posição adjunta ao núcleo, possa estar ocupando uma posição de especificador. Além disso, serve como um indício que favorece a nossa hipótese, uma vez que se constitui em estratégia adicional no PB de valoração de EPP, por meio de pronomes fracos.



### 2.1.1.2 Pronome “eles” genérico ou arbitrário

O pronome “eles” tem sido amplamente estudado na literatura, haja vista seu comportamento inusitado quando se apresenta como o sujeito da oração. Em muitas situações, este pronome tem sido usado na posição de sujeito, porém, com referência genérica ou arbitrária. Souza (2007) analisou o pronome e arrolou em seu trabalho dados como os que seguem:

(13) A empresa, *eles*, reembolsaram passagem, hospedagem, alimentação...

(14) Espírito, ... *eles*, ficam preso aqui na terra.

(15) Teria que tá ligano pra *eles* efetuarem o depósito.

(16) O EPA, hoje em dia *eles*, têm a preferência de mesclar.

Segundo Souza (*idem*, p.24),

as GTs prescrevem que o uso de pronomes pessoais sujeitos deve ser omitido uma vez que as desinências verbais permitem recuperar a pessoa gramatical. Assim sendo, sua realização plena só se justificaria em casos de ênfase ou ambiguidade, como acontece no italiano e no espanhol. Entretanto, contrariando essa visão normativa, encontram-se, no português, várias formas pronominais plenas sendo realizadas fonologicamente ainda que os contextos não sejam nem enfáticos nem ambíguos (p. 24).

Como é possível observar nos dados, o pronome “eles” poderia ser retirado das frases sem comprometimento do sentido. Nos dados (13), (14) e (16), inclusive, sua única função é retomar o termo topicalizado na frase. Em (15), possui interpretação genérica, numa situação em que poderia, sem problema algum, ser omitido – como nos casos de indeterminação do sujeito, conforme a gramática tradicional. Dados como estes já foram analisados por Buthers (2009), e o pronome “eles” foi interpretado na ocasião como mais uma estratégia de preenchimento da posição de sujeito para proceder à valoração de EPP em Spec-TP.

Para corroborar a análise de Buthers (2009), trazemos à análise atual o estudo de Souza (2013), que ampliou sua pesquisa acerca do pronome “eles” em posição de sujeito. Nesse trabalho, a autora contempla dados nos quais o pronome “eles” ou sua forma reduzida “es” com referência arbitrária aparecem em posição de sujeito em construções impessoais, como se vê abaixo:

(17) Quando o Palácio das Artes fez 30 anos, *eles* fizeram uma revista. (*idem*, p.92)

(18) Tem pinga com pitanga, com não sei o quê, com uva, com todos os sabores. *Es* dão o copinho pra você experimentar. (*ibidem*)

Muito interessante esta análise, uma vez que construções impessoais são apresentadas nas gramáticas de cunho tradicional como aqueles que não têm sujeito. Se o pronome “eles”, ou sua forma reduzida “es”, aparece nestes contextos, é porque no PB contemporâneo existe algum requerimento sintático para justificar este preenchimento. Consoante nossa análise, tal requerimento é a valoração de EPP. Nas palavras da autora: “[...] a redução do pronome ‘eles’ seria um desdobramento de uma mudança em progresso na língua, qual seja, o preenchimento da posição sujeito pelo pronome ‘eles’ (*ibidem*, p.116).

Segundo Souza (op.cit.), existem graus de impessoalidade nas construções sintáticas. E, quando a impessoalidade é marcada pelo pronome de 3ª pessoa (“eles”), as construções que se mostram com menor referência são aquelas que apresentam a forma reduzida “es” na posição de sujeito. Quando “es” aparece em posição de sujeito, a concordância entre o verbo e o sujeito raramente acontece. Os graus de referencialidade são demonstrados a partir do tipo de antecedente do pronome “eles”. A autora apresenta a seguinte tabela, contendo os resultados de sua análise, conforme o perfil da impessoalidade do elemento antecedente a “eles”:

Tabela 2: Perfil da impessoalidade como gradação. (cf. SOUZA, op.cit., p. 116)

	+Ref	+Ref	+Ref	+Ref	-Ref
	Locativo	Coletivo	Genérico	Indefinido	
Eles	.77	.65	.54	.33	-

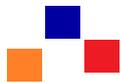
A interpretação da tabela permite entrever que “eles” sempre é usado como sujeito referencial. Isso ocorre porque não existem, ainda, no PB, casos de sujeito expletivo, segundo a autora.

Passemos à investigação dos dados com tópicos-sujeito.

## 2.2 Tópicos-sujeito e/ou Tópicos

Além dos contextos acima, é pertinente destacar outros muito recorrentes no PB atual, e já bastante estudados pelos linguistas, e que parecem corroborar essa tendência de preenchimento de Spec-TP – as construções que envolvem um XP à esquerda do verbo, interpretado como tópico ou tópico-sujeito. Vejamos:

- (19) a. O pneu dos carros furou.  
b. Os carros furaram o pneu. (AVELAR; GALVES, 2011)
- (20) a. A pele das minhas pernas rachou.  
b. As minhas pernas racharam a pele. (*idem*)
- (21) a. Bate bastante sol nas casas.  
b. As casas batem bastante sol.



- (22) a. Há sombra na varanda.  
b. Na varanda tem sombra./ A varanda tem sombra.
- (23) a. Está nascendo dente na Sarinha.  
b. A Sarinha tá nascendo dente. (PONTES, 1987)

As sentenças em (a) de (19-23) constituem a ordenação formal predita pelas gramáticas tradicionais, com verbos monádicos inacusativos ou com verbos impessoais, com a devida concordância entre o verbo e o sujeito, onde este está presente. Já nas sentenças em (b), o elemento à esquerda do verbo não é o sujeito prototípico em alguns casos e/ou não é o esperado em outros casos; no entanto, a concordância ainda se estabelece entre este elemento na periferia e o verbo da sentença, o que nos chama a atenção, uma vez que as gramáticas tradicionais conceituam o sujeito como aquele que está em concordância com o verbo (cf. PERINI, 2007). Então, apesar de não prototípicos, estabelecem concordância com o verbo.

Em (19b), Avelar e Galves (2011) interpretam o DP “os carros” à esquerda do verbo como um tópico na posição de Spec-TP. Nesse caso, no sistema C-TP, quando C é conectado, os traços-*phi* ininterpretáveis de C são valorados com o elemento não-argumental na posição de sujeito. Os autores adotam a perspectiva chomskyana (CHOMSKY, 2008) de que T pode herdar traços de C (ver também MIYAGAWA, 2010). Na construção em análise, antes de os traços-*phi* serem transferidos para T, eles são valorados pelo DP tópico em Spec-TP. Essa não é uma construção aceita no PE, é típica do PB, sobre o qual os autores argumentam que é uma língua na qual EPP é *phi*-independente (cf. HOLMBERG, 2010). Isso quer dizer que qualquer categoria pode ser juntada (*merged*) em Spec-TP, independentemente de concordar com T. Valem-se da mesma explicação para o dado em (20b).

Já Munhoz e Naves (2012) argumentam que (19 a,b) trata-se de construções diferentes e, obviamente, a justificativa para o DP juntado antes do verbo também é distinta. Para as autoras, (19b) reflete o caso em que o DP antes do verbo, o DP “os carros”, interpretado como “genitivo”, pois é um elemento que representa o ser possuído, encontra-se numa posição da projeção denominada  $\alpha P$  – intermediária entre CP e TP (ver MIYAGAWA, 2010). Já (19a) é uma construção diferente, com derivação também diferente. O PP genitivo “dos carros” está na posição de argumento do inacusativo biargumental. Segundo Munhoz e Naves (*op.cit.*), as duas construções (19 a,b) não são contrapartes, isto é, uma não provém da outra. Ambas representam, cada uma, sua própria projeção. Já o dado em (21b), analisado por Munhoz e Naves (*op.cit.*), com o locativo na posição à esquerda do verbo, encontra-se numa construção também inacusativa biargumental e a análise das autoras para o dado é a mesma daquela do dado em (20b).

Para (22b), Avelar e Cyrino (2009) alegam que sentenças com essa ordem, qual seja, a de inversão locativa, têm a ver com o contato do Português com as línguas bantu. Os autores explicam que, no processo de aquisição do Português como segunda língua, as crianças optam por construções sintáticas mais simples do que aquelas dos falantes de língua

materna. Dessa maneira, na aquisição da língua, as crianças interpretam inversões locativas com o PP locativo juntado diretamente em Spec-TP, opção mais simples que a dos falantes nativos, que interpretam o PP locativo numa posição adjunta a TP. Já Galves e Avelar (2011) justificam que o PP anterior ao verbo está, de fato, em Spec-TP, no PB contemporâneo. Eles corroboram esta hipótese ao contrastar dados de PP locativo com dados agramaticais sem o PP locativo, como segue:

(24) a. \* Consertava sapato.

b. Naquelas lojas consertava sapato. (op.cit., p. 53)

O fato de o PP tópico não concordar com o verbo em T, na sentença (24b), leva os autores a defenderem que, em PB contemporâneo, EPP é *phi*-independente. E a agramaticalidade de (24a) sugere que o PP locativo está, sim, em Spec-TP.

A sentença em (23b), em contexto impessoal, aparece com o DP “a Sarinha” em Spec-TP. Em PE, esta é uma posição em que o sujeito deve ser obrigatoriamente nulo. As análises de todos os autores citados até o momento dão conta de explicar, com os mesmos argumentos, o DP nesta posição anterior ao verbo.

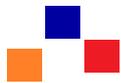
Por outro lado, em consonância com Pilati e Naves (2013), todos os dados arrolados até o momento podem ser analisados de uma mesma maneira, mas com uma explicação distinta das apresentadas até agora. Segundo as autoras, o PB contemporâneo tem apresentado construções com XPs inesperados à esquerda do verbo, principalmente quando este está flexionado na 3ª pessoa, porque houve uma cisão das três pessoas gramaticais no PB contemporâneo, no sentido de Bhat (2004). Nas palavras das autoras, “trata-se, portanto, de um fenômeno de cisão na categoria pronominal do PB, que passa a distinguir, de um lado, 1ª e 2ª pessoa, com traço de referencialidade; e, de outro lado, 3ª pessoa, sem traço de referencialidade” (op.cit., p. 248). Isso implica dizer que, em construções com a 3ª pessoa, sem traço morfológico de referencialidade, o traço D (ou EPP, em conformidade com CHOMSKY, 1995) de T está suscetível a ser valorado por quaisquer X(P)s antes do verbo.

Na sequência, explicitamos nossa proposta teórica para explicar por que no PB contemporâneo tem sido autorizado, ou até mesmo exigido, que a posição à periferia à esquerda do verbo apareça lexicalmente preenchida.

### 3. Proposta Teórica

#### 3.1 EPP: um conjunto de traços?

Com o intuito de oferecer uma possível solução teórica para questões relacionadas ao aparecimento de XPs para posições argumentais ou não, os linguistas têm, não raras vezes, atribuído ao traço EPP a motivação para este comportamento. As análises, em geral, correlacionam o traço EPP a outros traços, e o trabalho mútuo entre estes traços



resultaria nas diferentes construções sintáticas presentes nas línguas em geral. Ou, por outro lado, atribuem a EPP, por si só, sem combinação com outros traços, alguns desses comportamentos.

Assumimos, neste artigo, para dar conta dos dados com XPs variados na posição à esquerda do verbo, conforme visto na seção anterior, que o EPP deve ser fatorado nos traços [D], [P], [Foc] e [Top]. Na seção atual, apresentaremos evidências de que estes traços originam-se em C e podem ser herdados por T, em consonância com a análise de Miyagawa (2010).

De acordo com o que foi visto no quadro teórico, muitos comportamentos sintáticos que acreditava-se estarem relacionados com traços oriundos de T, são, na verdade, originários em C, podendo ser herdados por T. Fazemos referência neste momento, em específico, aos traços [D], [foco] e [tópico].

Evidências de que o traço [D] origina-se em C vêm de dados de línguas que apresentam concordância no nível CP, como os dados do turco a seguir (cf. MIYAGAWA, 2005, p. 205):

- (25) a. [[ $e_i$  geçen yaz ada-da ben-i gor-en] kiş i-ler $_i$ ]  
 [[ last summer island-LOC I-ACC see-(y)An] person-Pl]  
 ‘the people who saw me on the island last summer’
- b. [[pro geçen yaz ada-da  $e_i$  gör-düğ-üm] kiş i-ler $_i$ ]  
 [[ last summer island-LOC see-DIK-1.sg] person-Pl]  
 ‘the people who(m) I saw on the island last summer’

Em (25a), com relativização do sujeito, não há morfologia de concordância sobre o verbo da oração encaixada. Em (25b), o objeto aparece relativizado. Então, nenhuma concordância no domínio de C acontece, estando o verbo livre para concordar com o sujeito. Segundo Miyagawa (op.cit., p. 205), “assumindo que a concordância originalmente aparece em C, ela consegue copiá-la para T”, como em (4b). “Se o sujeito aparece em Spec de CP, entretanto, a concordância em C seleciona este sujeito, e a concordância não vai para T”, como visto em (25a). Dessa maneira, fica claro que a concordância origina-se em C e T pode herdá-la.

Em relação ao traço [Foc], Miyagawa (2005, p.206) argumenta que, em conjunto com concordância, eles estabelecem duas polaridades de uma variação paramétrica. Isso significa que [Foc] também está em C e também pode ser herdado por T, de alguma maneira, como vemos no dado do kinande, a seguir:

- (26) Eritunda, n-a-ri-gul-a.  
 Fruit.5 1SG.S-T-OM5-buy-FV  
 ‘The fruit, I bought it.’

Em (26), o XP focalizado apresenta concordância de pessoa com o verbo. Isto significa que [Foc] também está em C.

Análise correlata ao traço [Foc] pode ser estendida ao traço [Top]. Vejamos o exemplo do Japonês:

- (27) Taroo-wa<sub>i</sub> piza-o tabeta.  
 Taro-TOP pizza-ACC ate.  
 ‘As for Taro, he ate pizza.’

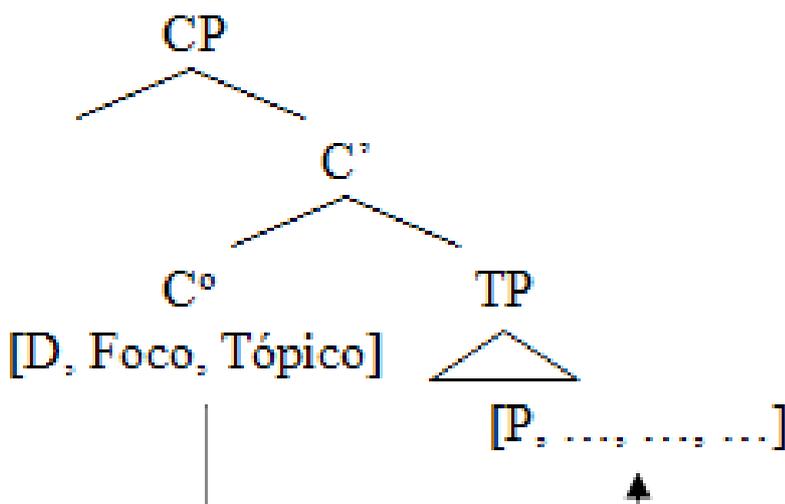
O Japonês tem o marcador discursivo *-wa*. Este marcador sempre aparece à esquerda da frase, e está na região de CP (cf. KUNO, 1973; JURODA, 1965; *apud* MYAGAWA, 2010, p.74).

Já com relação ao traço [P], assumimos que seu local de origem é TP, uma vez que é esta a subparte de EPP responsável pelo preenchimento de Spec-TP em línguas de sujeito obrigatoriamente preenchido, quando há falta de herança por T dos traços [D], [foco] ou [tópico]. Vejamos o exemplo do inglês:

- (28) It rains.  
 It-SUBJ rains-3SG

Neste exemplo do inglês, a posição de especificador de TP aparece preenchida em função do traço [*u*P] forte presente no núcleo T. Não há outros traços em T (D, Foco ou Tópico), além de [P] motivando o preenchimento da posição de Spec-TP.

Em síntese, então, assim podemos representar a natureza dos traços [D], [Foc], [Top] e [P], em (29)



Traços de concordância, de foco e tópico nascem em C e podem ser herdados por T. Traço fonológico [P], correlacionado com o fenômeno do sujeito nulo, origina-se em T, como pode ser visto no quadro seguinte:

Quadro 2: Natureza dos traços gramaticais constitutivos de EPP

<b>EPP</b>	<b>Origem</b>
Tópico	C°
Foco	C°
D	C°
P	T°

Buthers (2009) analisou os traços [P] e [D] como responsáveis pelo preenchimento ou não da posição de Spec-TP argumentando que tais traços possuíam força relativa. Então, a variabilidade das línguas quanto à possibilidade de sujeito nulo estaria intrinsecamente conectada com a força relativa destes traços. Abaixo, apresentamos o quadro com a primeira proposta de fatoração de EPP (cf. BUTHERS, 2009), constando a força relativa dos traços:

Quadro 3: Fatoração de EPP (cf. Buthers, 2009)

	<b>Traço</b>	<b>Força</b>
<b>EPP</b>	<i>uP</i>	+/-
	<i>uD</i>	+/-

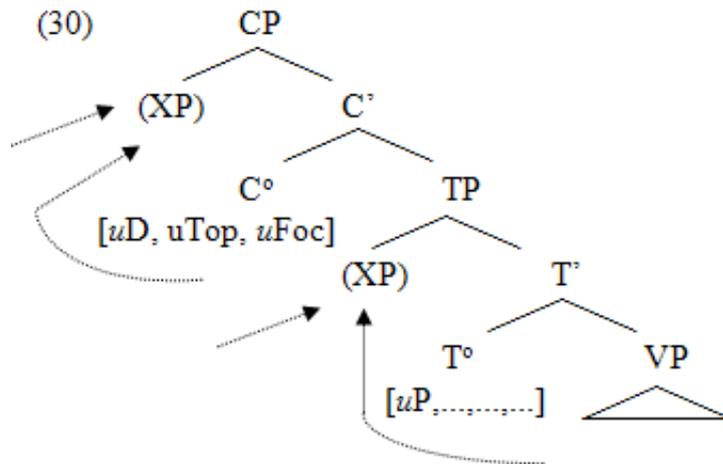
Dado que nada na literatura é dito acerca de os traços serem fracos, uma questão veio à tona: há como dispensar a força relativa dos traços que constituem EPP, em conformidade com Buthers (2009)?

Analisando dados das línguas em geral e também os dados selecionados para este trabalho, chegamos à conclusão de que podemos dispensar mesmo o caráter “fraco” dos traços. No entanto, não há como abrir mão do caráter “forte” que os traços de EPP contêm. Assim, assumimos que todos os traços gramaticais que compõem EPP estão distribuídos pelas línguas, sendo o caráter “força” inerente a eles. É este caráter que justifica o preenchimento lexical nas posições de especificadores. Ou seja, não há outra forma de explicar o porquê de essas posições deverem aparecer preenchidas em algumas línguas se não for pela presença de um traço forte nos núcleos das categorias T e C. Traços ininterpretáveis precisam ser valorados, mas nem sempre necessitam de Merge interno ou externo de um XP para que isso aconteça. Isso pode se dar por meio da operação *Agree*, que é a valoração de traços à distância.

Na verdade, não apresentamos um fenômeno inédito, mas nossa forma de análise é inovadora. No nosso ponto de vista, então, temos a seguinte concepção de EPP:

O epifenômeno EPP é encontrado nas línguas em geral na forma de diversificados traços ininterpretáveis **fortes**.

Os traços ininterpretáveis fortes que formam EPP só podem ser valorados com Merge Externo (ME) – juntar – ou Merge Interno (MI) – mover – de XPs para as posições de especificadores dos núcleos que os contêm:



Em síntese, então, todas as línguas possuem a mesma série de traços (cf. MIYAGAWA, 2010). Quando ininterpretáveis e fortes, formam EPP, motivando ME ou MI de XP para a posição de especificador da categoria na qual se encontram – T ou C. A presença destes traços fortes explica os vários movimentos que ocorrem nas línguas em geral. Outrossim, oferece uma explicação para o fenômeno em foco neste estudo – o da emergência de XPs variados na posição à esquerda de V.

Como forma de visualizar a derivação dos dados em análise na configuração sintática, temos o que segue:

### 3.2 Derivando construções com sujeitos, tópicos e tópicos-sujeito

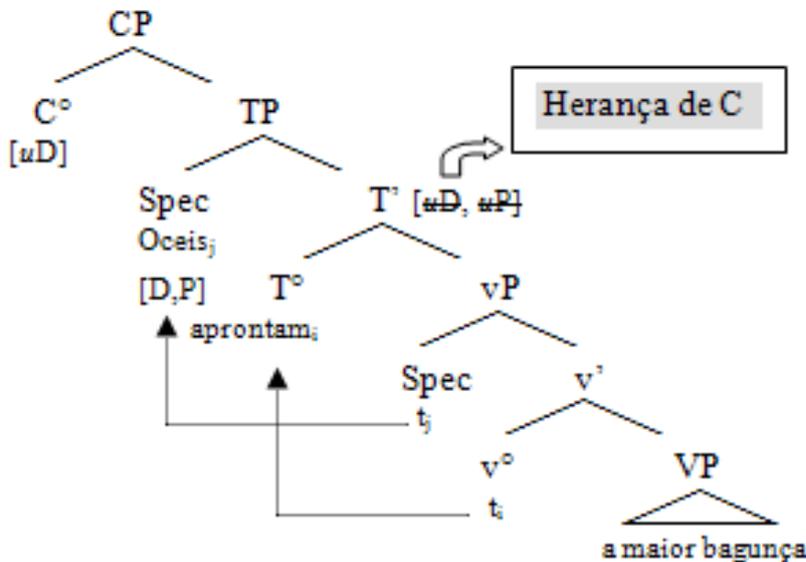
Escolhemos os seguintes dados para proceder à sua devida derivação a partir da proposta teórica delineada na subseção anterior:

- (31) *Oceis* <sub>i</sub> *aprontam* a maior bagunça.      SUJEITO
- (32) *Na Belina* <sub>i</sub> *cabe* muita gente.      TÓPICO-SUJEITO
- (33) *No Epa* <sub>i</sub>, *eles* <sub>i</sub> *oferecem* promoções.      TÓPICO

Passemos à análise dos dados

### 3.2.1 Sujeitos

(31') *Oceis* aprontam a maior bagunça

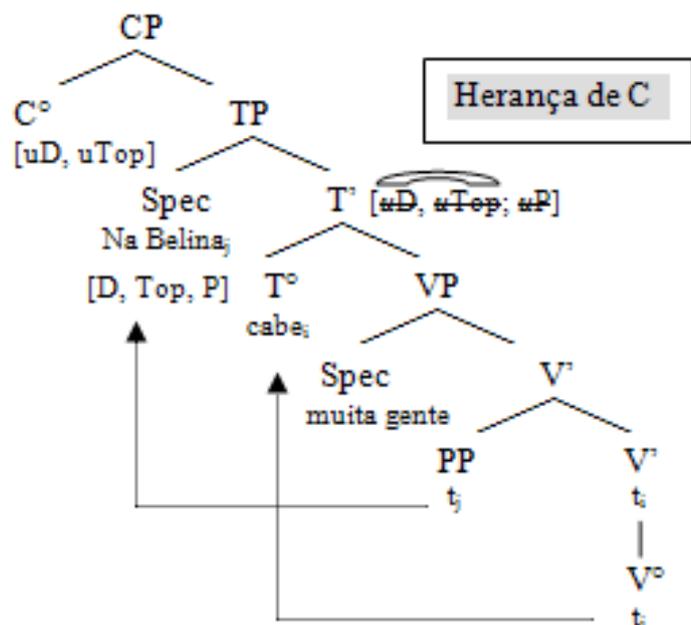


Nesta derivação, T herda o traço [uD] de C. E contém já o traço [uP], que requer preenchimento fonológico na posição de Spec-TP. Ambos os traços são contrapartes de EPP. Na ocasião em que o pronome *oceis* se junta, por meio de *Merge* interno, a Spec-TP, os traços ininterpretáveis na sonda em T são valorados pelos traços interpretáveis [D] e [P] do pronome. Se considerarmos, em consonância com alguns autores (cf. VITRAL; RAMOS, 2006), que *oceis* é um clítico, a única diferença que teríamos é que sua origem não seria diretamente Spec-vP. Mas, juntado cliticamente ao v°, iria primeiro para Spec-VP – que também contém um traço [uP] – e, em seguida, para Spec-TP.

### 3.2.2 Tópicos-sujeito

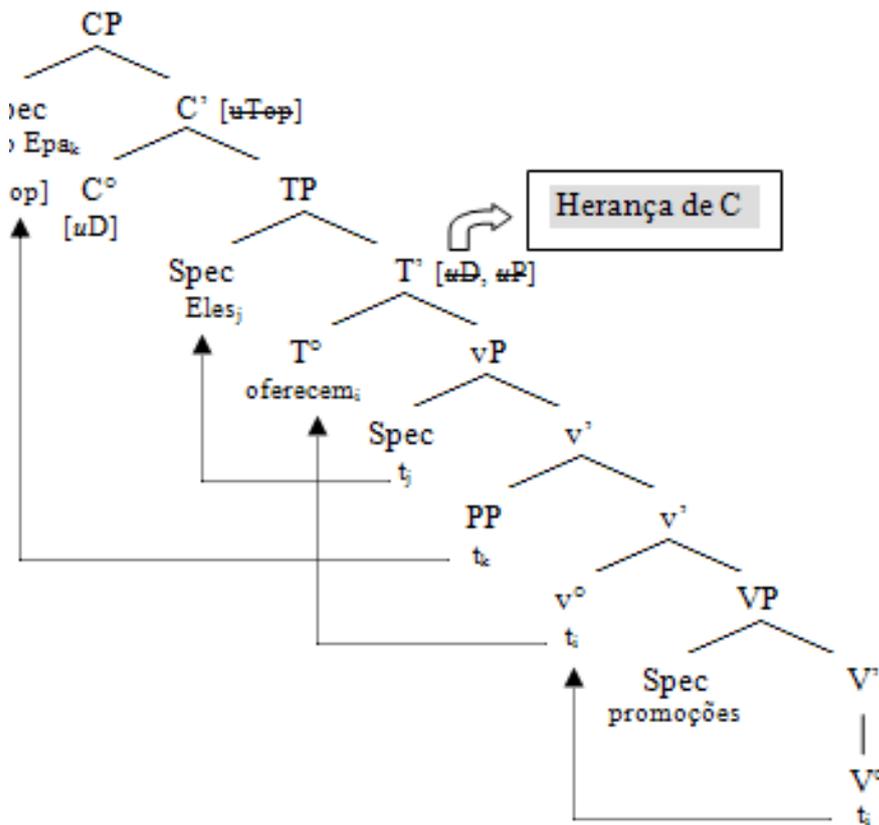
(32') Na Belina cabe muita gente.

Com as construções de tópico-sujeito, T, que já contém o traço [uP], herda de C os traços [uD] e [uTop]. A sonda em T busca no PP *na Belina* os três traços capazes de valorar seus traços ininterpretáveis. Para proceder à devida valoração dos traços, o PP junta-se, por meio de *Merge* interno à posição de Spec-TP. EPP, dessa maneira, é valorado, e a derivação consegue convergir.



### 3.2.3 Tópicos

(33') *No Epa<sub>k</sub>*, eles<sub>i</sub> oferecem promoções.

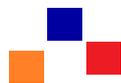


Com tópicos e sujeitos presentes ao mesmo tempo, o sujeito é juntado (MI) em Spec-TP, valorando os traços [uD] – herdado de C – e o [uP]. O traço [uTop] não é herdado por T, já que Spec-TP já está ocupado. Então, como ele precisa ser valorado, a sonda busca o PP com o traço interpretável de Top e o junta em Spec-CP, procedendo, assim, à valoração dos traços ininterpretáveis EPP.

Passemos às considerações finais deste estudo.

## Considerações Finais

Neste artigo, descrevemos construções com a ordem [XP V [DP], na qual XP é um sujeito, um tópico-sujeito ou um tópico. Oferecemos o olhar teórico de vários linguistas sobre o fenômeno, já tão estudado, mas ainda carente de explicações. Em nossa visão teórica, tais XPs emergem na sintaxe do PB contemporâneo pelo fato de este estar perpassando por um processo de mudança paramétrica, de língua de sujeito nulo para língua de sujeito obrigatório. No atual momento, pode ser considerado como língua de sujeito nulo parcial. Defendemos que os XPs que aparecem à esquerda do verbo obviamente devem-se à valoração do traço EPP (cf. CHOMSKY, 2005). Porém, fatoramos o EPP para dar conta de explicar por que elemen-



tos sintáticos diversificados podem ocupar essa posição. E concluímos que, independente de sujeito, tópico-sujeito, tópico, ou mesmo clíticos, como observado alhures, aparecem em Spec-TP ou Spec-CP para proceder à devida valoração dos traços ininterpretáveis fortes constitutivos de EPP. Traços que, conforme Miyagawa (2010), podem ser herdados de C ou já se originam diretamente em T. Com EPP fatorado, podemos dar conta também de explicar outros fenômenos sintáticos relacionados a este traço. Mas isso é assunto para artigos futuros.

## Referências

ALEXIADOU, A.; ANAGNOSTOPOULOU, E. Parametrizing AGR: word order, V-movement, and EPP-checking. **Natural Language & Linguistic Theory**, n° 16, p. 491-539, 1998.

AVELAR, J.O.; CYRINO, S. Locativos preposicionados em posição de sujeito: uma possível contribuição das línguas Bantu à sintaxe do português brasileiro. **Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto**, v. 3, p. 49-65, 2008.

\_\_\_\_\_.; GALVES, C. Tópico e concordância em PB e PE. In: COSTA, A.; BARBOSA, P.; FALE, I. (Org.). XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. **Textos selecionados**. Lisboa: APL, 2011. p. 49-65.

BERLINCK, R. A. ; DUARTE, E. ; OLIVEIRA, M. Predicação. In: KATO, M. A. (Org.). **Gramática do português culto falado no Brasil – v. 3: A construção da sentença**. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

BHAT, D. N. S. **Pronouns**. Oxford: Oxford University Press, 2004.

BUTHERS, C.M. **Emergência da ordem [XP V (DP)] no PB Contemporâneo e o Parâmetro do Sujeito Nulo**: uma abordagem minimalista. 2009. 164 p. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

CHOMSKY, N. **Lectures on government and binding**. Dordrecht: Foris, 1981.

\_\_\_\_\_. **The Minimalist Program**. Cambridge: The MIT Press, 1995.

\_\_\_\_\_. **On Phases**. Ms. MIT, Cambridge, MA. 2005.

FIGUEIREDO SILVA, M.C. **A Posição Sujeito no Português Brasileiro**: frases finitas e infinitivas. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

GALVES, C.M.C. O Enfraquecimento da Concordância no Português Brasileiro. In: ROBERTS, I.; KATO, M.A. **Português Brasileiro: Uma viagem diacrônica**. 2. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993.

HOLMBERG, A. Scandinavian Stylistic Fronting: How Any Category Can Become an Expletive. **Linguistic Inquiry**, v. 31, n° 3, 2000.

\_\_\_\_\_. Null subject parameters. In: BIBERAUER, T; HOLMBERG, A.; ROBERTS, I.; SHEEHAN, M. **Parametric syntax**: null subjects in minimalist theory. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 88-124



KATO, M.A. Strong pronouns and weak pronominals in the null subject parameter. **Probus** (Dordrecht), Berlin, v. 11, n° 1, p. 1-37, 1999.

\_\_\_\_\_; DUARTE, M.E.L. Indefinite subjects in Brazilian Portuguese, a topic and subject-prominent language. Comunicação apresentada no **VII Workshop on Formal Linguistics**, Curitiba-PR, 2008.

KISS, É. Two subject positions in English. **Linguistic Review**, v. 13, p. 119-142, 1996.

LAMOGLIA DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Org.). **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. Editora da Unicamp: Unicamp, 1993. p. 107-128.

\_\_\_\_\_. O Sujeito Expletivo e as Construções Existenciais. In: RONCARATTI, C. et al. (Org.). **Português Brasileiro – contato linguístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: Letras, 2003.

MUNHOZ, A.T.M.; NAVES, R. R. Construções de tópico-sujeito: uma proposta em termos de estrutura argumental e de transferência de traços de C. **Signum: Estudos Linguísticos**, Londrina, n. 15/1, p. 245-265, 2012.

MIYAGAWA, S. EPP and semantically vacuous scrambling. In: SABEL, J.; SAITO, M. (Org.). **The free word order phenomenon**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005. p. 181–220.

\_\_\_\_\_. Why Agree? Why Move? Unifying Agreement-Based and Discourse-Configurational Languages. **Linguistic Inquiry**. Monograph Fifty-Four, 2010.

MODESTO, M. Sujeitos Nulos em Línguas de Tópico Proeminente. **Revista da ABRALIN**, São Paulo, n. 1 e 2, p. 121-148, 2004. v. III.

NOMURA, M. **Nominative Case and AGREE(ment)**. Doctoral dissertation, University of Connecticut, Storrs, 2005

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 2007.

PILATI, E.; NAVES, R. Cisão da categoria pronominal, transferência de traços de C para T e a expressão do sujeito no Português Brasileiro. In: MOURA, D.; SIBALDO, D.M. **Estudos e pesquisas em Teoria da Gramática**. Maceió: Editora da UFAL (EDUFAL), 2013.

PONTES, E. **Sujeito: Da Sintaxe ao Discurso**. São Paulo: Ática; Brasília: Instituto Nacional do Livro, Fundação Nacional Pró-Memória, 1986.

\_\_\_\_\_. **O tópico no português do Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 1987.

RIZZI, L. The Fine Structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, L. (Ed.). **Elements of Grammar**. Kluwer, Dordrecht, 1997. p. 281-337.

RODRIGUES, C. **Impoverished morphology and A-movement out of Case domains**. Tese de Doutorado, Universidade de Maryland, 2004.

SOUZA, E. M. **O uso do pronome ‘eles’ como recurso de indeterminação do sujeito**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.



\_\_\_\_\_. **Sujeitos de Referência Arbitrária: uma classe homogênea?** Belo Horizonte, MG, 2013. 133f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

VITRAL, L.T.; RAMOS, J. **Gramaticalização: uma abordagem formal.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo Horizonte: Faculdade de Letras FALE/UFMG, 2006.

Recebido em 12 de fevereiro de 2016.

Aceito em 24 de maio de 2016.

### Christiane Miranda Buthers

Mestre em Linguística Teórica e Descritiva pela Faculdade de Letras da UFMG (2009). Doutoranda em Linguística Teórica e Descritiva pela mesma instituição. Professora de ensino fundamental na Escola Estadual de Martins Soares; de nível fundamental e médio no Centro Educacional de Manhauçu; e de nível superior na Faculdade de Ciências Gerenciais de Manhauçu e Faculdades Doctum de Carangola. [christianebuthers@gmail.com](mailto:christianebuthers@gmail.com)

### Maria José de Oliveira

Doutora em Linguística Teórica e Descritiva pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (2016). Seu principal interesse de pesquisa são as estruturas causativas do português brasileiro, contemplando, especialmente, a Morfologia Distribuída. Atua como professora de Ensino Médio na rede pública estadual de MG. [zezemutum@yahoo.com.br](mailto:zezemutum@yahoo.com.br)